

03/05/2019 - 05:00

Tatiana Salem Levy: Nietzsche nos ajuda a entender o Brasil e o mundo de hoje

Por **Tatiana Salem Levy**

Ando relendo Nietzsche. Uma das coisas de que mais gosto em qualquer releitura é observar que sublinho passagens distintas - e como essas passagens têm a ver com o momento pessoal e social que vivemos a cada novo encontro com um livro. Já não lembro quais eram as minhas inquietações quando li "A Genealogia da Moral" pela primeira vez. Lá se vão muitos anos. Agora, fiquei impressionada com a atualidade do pensamento desenvolvido nessas páginas, que nos ajuda a entender muito do que se passa hoje no Brasil e no mundo.



Nietzsche viveu o fim do século XIX e seu decadentismo. Viu o mundo acabar. Cem anos depois, houve comparações entre a decadência de seu tempo e a decadência contemporânea. No entanto, parece-me que o mundo acaba muito mais agora, no início deste novo século e deste novo milênio, do que acabou no fim do século passado. E, quando o mundo está acabando, a leitura de Nietzsche reacende em nós o desejo pela saúde, o desejo de sair da doença e afirmar a vida. Um desejo bem grande de dizer "sim", na contramão de um enorme grupo de pessoas que insiste no ressentimento e na vingança.

Começamos pelo princípio, a genealogia dos conceitos de bem e mal, de bom e mau. No primeiro ensaio do livro, Nietzsche desmitifica a ideia de que o juízo "bom" emana daqueles a quem se prodigalizou a "bondade". Os conceitos de "bom" e de "mau" foram herdados da aristocracia e de sua propensão para estabelecer classes distintas. Foram os próprios aristocratas que julgaram "boas" as suas ações, "isto é, de primeira ordem, estabelecendo esta nomenclatura por oposição a tudo quanto era baixo, mesquinho, vulgar e vilão. Arrogavam-se da sua altura o direito de criar valores e determinativos". Foi da oposição de uma raça superior e dominadora a uma raça inferior e baixa que surgiu a antítese entre "bom" e "mau".

A ideia de nobreza fez nascer o conceito de nobre como "privilegiado quanto à alma". Paralelamente, as noções de vulgar, plebeu, baixo, se transformaram no conceito de "mau". Segundo Nietzsche, o exemplo mais evidente desta transformação é o vocábulo alemão "schlecht" (mau), idêntico ao vocábulo "schlicht" (simples). Em outras palavras, as noções que primeiramente serviam para distinguir as classes sociais terminaram por se tornar a própria distinção entre o "bom" e o "mau", num sentido não mais limitado à casta.

É importante entender que essa distinção é genealógica, ou seja, nos remete para a origem dos conceitos de "bom" e "mau". Nietzsche não quer, com isso, afirmar que os de classe superior são bons e os de classe inferior são maus. Não é ele quem faz essa distinção, mas a própria nobreza a fez outrora, dando origem aos conceitos em questão.

Como ele atesta num parêntese, "este direito de dar nomes vai tão longe que se pode considerar a própria origem da linguagem como um ato de autoridade que emana dos que dominam. Disseram: 'Isto é tal e tal coisa', vincularam a um objeto ou a um fato, tal ou qual vocábulo, e assim ficou".

Feita a genealogia, o fundamental para Nietzsche é entender essas noções no que diz respeito à alma, não mais à condição social. Ao se definirem como "bons", os aristocratas ressaltaram suas qualidades. "Os juízos da aristocracia fundam-se numa boa musculatura, numa saúde florescente e no que para isto contribui: a guerra, as aventuras, a caça, a dança, os jogos e exercícios físicos e em geral tudo o que implica uma atividade robusta, livre e alegre". São estas qualidades, em contraposição ao homem reativo, ressentido, doente, que Nietzsche exalta em toda a sua filosofia. Ao examinar a tradição judaico-cristã, o ideal ascético e a procura pela verdade, ele constata o quão doente se tornou a humanidade e, com Zarathustra, faz uma apologia da saúde e da alegria.

Continuemos, então, e logo entenderemos por que pensei tanto no Brasil ao reler "A Genealogia da Moral". Enquanto o conceito de "bom" advindo da nobreza veio de uma afirmação de si mesma, da força plástica, da ação e do respeito ao inimigo, a moral judaico-cristã fez triunfar a moral da impotência, do ódio, da culpa, da reação. Uma moral que diz "não" a tudo o que não é seu. O homem rancoroso medita continuamente no inimigo, quer vê-lo sofrer, quer se vingar dele. Em vez de respeitá-lo como uma ave de rapina respeita o cordeiro - afinal, é seu alimento -, o rancoroso faz de tudo para miná-lo.

Estes heróis da baixeza e do ódio representam, como afirma Nietzsche, "o retrocesso da humanidade!" Para eles, a fraqueza ganha o nome de mérito, a impotência de bondade e a baixeza de humildade. Eles gostam de ver sofrer. Mais ainda, gostam de fazer sofrer todos os que não são como eles. "O castigo é uma festa", eu leio, ao mesmo tempo em que fico sabendo das mudanças na Lei Rouanet (que agora se chama Lei de Incentivo à Cultura), do congelamento das atividades de financiamento da Ancine e do fato de não haver qualquer pronunciamento do governo (até o dia em que escrevo este texto) referente aos cinco filmes brasileiros selecionados para Cannes. Imaginem se iriam comemorar, festejar, ficar alegres com tal feito! Mais vale cortar, punir, fazer sofrer um setor que transmite nossa voz, nossa cultura para o mundo - além de criar mais de 300 mil empregos diretos.

Não há dúvida de que temos hoje um governo movido pelo ressentimento, pelo desejo de vingança. Não suportam que os outros sejam felizes. Os gays conquistaram direitos? Vamos tirá-los! Os negros ganharam espaço na sociedade? Vamos acabar com isso! Os índios conseguiram manter alguma esparsa terra? Que infâmia! Os artistas criaram e ainda receberam subsídio para criar? Isto é que não pode ser! - bramem os que confundem poder governamental com força.

E ainda sacrificam essa vingança sob o nome de justiça. Pretendem-se "bons", "de bem", "honestos", "defensores da lei", quando querem massacrar toda diferença e toda saúde, arrastar mais e mais gente para essa doença que os domina. Entre eles, diria Nietzsche, "há um bom número de vingativos com máscaras de juízes, tendo sempre na boca de lábios finos a baba empeçonhada a que chamam 'justiça' e que estão dispostos a lançar contra todo aquele que, dotado de coração ágil e ligeiro, segue o seu próprio caminho".

No segundo e no terceiro ensaios do livro, Nietzsche mostra como a justiça tem origem no ressentimento, no sentimento reativo, no homem doente de si mesmo. São esses homens enfermos e inoculadores de doença o maior perigo para a humanidade. Quando desejam algo, desejam o sofrimento. Não suportam nem a própria alegria nem a dos outros. No combate à festa alheia, assumem-se como virtuosos: "Nós somos os únicos bons, os únicos justos, os únicos homens de boa vontade". Vivem entre nós querendo nos repreender e advertir, "como se a saúde, a robustez, a força, a valentia, a bravura fossem vícios que devêssemos expiar amargamente".

Querem, esses enfermos que se espalham pelo mundo, seja nos governos, seja no meio de nós, representar o papel de "almas belas". Vejam esta pergunta levantada por Nietzsche mais de um século atrás: "O seu desejo enfermizo de representar a superioridade sob qualquer forma, o seu instinto para descobrir os rodeios que levam à tirania

dos homens sãos, não o vemos nós em toda parte?" Não poderíamos colocá-la hoje mesmo? Tantos anos se passaram e o sacerdote ascético continua sendo o pastor de um rebanho doente. A sua felicidade é, sendo ele próprio um doente, liderar outros doentes. E, se possível, ver sofrer os fortes e alegres.

Desprezam a arte porque a arte é criação, ação, força. É, sobretudo, afirmação da vida. Querem, então, se vingar dos artistas. Pretendem instaurar o medo através do castigo, acreditando que irão, assim, domar aquele que cria, fazê-lo sofrer. Por isso mesmo, repito mais uma vez (e continuarei repetindo até quando for preciso): a alegria será a nossa maior resistência!

Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente

E-mail: tatianalevy@gmail.com